

Extensão Universitária na Faculdade de Medicina do ABC: quais avanços e limites?

University Extension at Faculdade de Medicina do ABC: which progress and limits?

Silmara Conchão¹

¹Faculdade de Medicina do ABC (FMABC); Secretaria de Políticas para as Mulheres, Prefeitura de Santo André – Santo André (SP), Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/abcshs.v40i3.814>

RESUMO

Introdução: É no interior do nosso contexto, no que se refere ao aprimoramento do ensino, assistência e pesquisa, apresentaremos a COMEX, a Comissão de Extensão da Faculdade de Medicina do ABC da Fundação do ABC, localizada na cidade de Santo André, região metropolitana de São Paulo, Brasil. Um relato sobre os avanços e limites de seis anos de vivência em extensão acadêmica junto a um grupo de professores(as) e alunos(as) das diversas áreas das ciências da saúde. **Relato de Experiência:** Desenvolvemos ações em diferentes cenários, uma intensa agenda pautada por fazer, acolher, buscar, resolver, avaliar, planejar e replanejar, investigar, ouvir, observar, comunicar e criar. Atuar em equipe com o esperado, mas também com o imprevisto, tirar os olhos das redes sociais e ver o entorno. **Conclusão:** Um processo que tem possibilitado decisões e mudanças, ressignificado a nossa existência, visão de mundo e os nossos sentidos. Aprendemos que o ensino e a pesquisa avançam muito quando estão associados com a efetiva interação da universidade com a realidade social.

Palavras-chave: universidades; desenvolvimento local; educação; integração comunitária.

ABSTRACT

Introduction: It is inside our context, as regards the improvement of education, care and research, we will present the COMEX, the Extension Commission of Faculdade de Medicina do ABC of Fundação do ABC, located in Santo André, metropolitan region of São Paulo, Brazil. A report about the progress and limits of six years' experience in academic extension, with a group of teachers and students of the several health sciences areas. **Experience report:** We develop actions in different situations, an intense work guided by do, receive, search, solve, evaluate, plan and re-plan, investigate, listen, observe, communicate and create. Work as a team, following the plan, but also with improvisation, get out of the social networks and view the surroundings. **Conclusion:** A process that has enabled decisions and changes, reframed our existence, worldview and our senses. I learned that education and research advance a lot when are associated with the effective interaction between the university and the social reality.

Keywords: universities; local development; education; community integration.

Recebido em: 25/08/2015

Revisado em: 29/09/2015

Aprovado em: 01/10/2015

Autor para correspondência: Silmara Conchão – Faculdade de Medicina do ABC – Avenida Príncipe de Gales, 821 – Príncipe de Gales – CEP: 09060-050 – Santo André (SP), Brasil – E-mail: saconchao@uol.com.br
Conflito de interesses: nada a declarar.

INTRODUÇÃO

Durante seis anos de vivências em extensão acadêmica junto a um grupo de professores(as) e alunos(as) das diversas áreas das ciências da saúde, da Faculdade de Medicina do ABC, aprendemos que o ensino e a pesquisa avançam muito quando estão associados com a efetiva interação da universidade com a realidade social.

Desenvolvemos ações em diferentes cenários e não houve uma experiência se quer que não nos despertasse o desejo de mudar o mundo. Tiramos os olhos das redes sociais e reparamos nas pessoas e nos lugares. Vale um exemplo que ocorreu em uma das experiências de integração comunitária, estávamos com 13 alunos(as) e ficamos mais de uma semana sem espelho e sem internet. A paixão pela descoberta dos mundos, da geografia, dos gostos, das práticas, dos valores diversos esteve tão presente que nos tomava integralmente.

Nossos alunos(as) nunca tinham parado pra pensar onde ficava Sergipe ou Canudos e toda a sua história, nem a importância do Rio São Francisco na divisa com Alagoas. Levamos e deixamos muita coisa, mas trouxemos muito mais e quase não sentimos a falta do espelho e nem da internet.

A curiosidade e a discussão sobre a conjuntura social e econômica, ou seja, a prática filosófica e política fazia parte daquele cotidiano. Não haveria espaço dentro da sala de aula onde fosse possível, com tanta espontaneidade e interesse, refletir e discutir políticas públicas e ver de perto, sair do senso comum, poder falar com conhecimento de causa. Cisterna? Conhecemos muitas (a de calha e a de calçadão), e vimos o quanto fez a diferença na vida daquelas pessoas, como no depoimento de uma mulher do sertão de Sergipe: “antes eu era miserável, hoje nem pobre eu sou mais. Sou uma agricultora”. Mostrando, orgulhosa, a sua horta de tomate.

Vimos também que não precisávamos ir tão longe e que aqui na região do Grande ABC (que engloba as cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano, no Estado de São Paulo), em área de manancial, nas divisas entre os municípios, existem pessoas vivendo realidades bem parecidas daquelas do Nordeste. Estas experiências colocam nossos valores em total confronto com a vida real, o que agrega muito na nossa formação. E, a cada “aventura”, saíamos pensando: quem ganhou mais? As pessoas de lá diziam que eram elas, e nós achávamos que era a gente.

Sempre voltávamos mais gente, mais humanos. Meus alunos(as) me perguntam se humanizar humanos não é uma redundância; eu digo: sempre haverá oportunidade para nos tornarmos mais humanos. A forma física não nos faz humanos na totalidade, o ser humano é composto por uma forma física, o nosso corpo, mas também por subjetividades, que são afetos, crenças, valores e dimensão ética. Isso junto dá sentido à nossa existência e implica nas nossas escolhas e tomadas de decisões.

Dizer que quando partimos para a extensão de integração comunitária significa realizar ações que contribuam para a melhoria da qualidade de vida daquele povo é tratar apenas uma parte do tema. Aqui contém experiências que têm produzido informações

e transformado pessoas. Não vou apresentar números, que são importantes, mas nesse caso, não dispõem de condições para fotografarem a beleza e a importância deste processo de troca, crescimento, coragem, ousadia, dedicação e amor.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nossa experiência foi juntando pessoas a partir da disciplina de saúde coletiva e envolvendo outras áreas, que valorizam o conhecimento sistematizado historicamente sem perder de vista as atuais demandas sociais. É no interior do nosso contexto, no que se refere ao aprimoramento do ensino, assistência e pesquisa, que apresentaremos a COMEX, a Comissão de Extensão da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC) da Fundação do ABC.

Área do ensino superior que vem desenvolvendo um trabalho junto a uma juventude protagonista de alunos(as) que compartilham com alguns professores(as) o desejo e a disposição de ir além dos livros. A Fundação do ABC criou a Faculdade de Medicina em 1968, com sede na Cidade de Santo André (SP). O ensino, a extensão e as pesquisas científicas desenvolvidas na graduação e pós-graduação (lato e stricto sensu) consagram o reconhecimento da FMABC no nível acadêmico e social.

Em 2010, pelo fato da política de extensão não ter uma concepção definida, a FMABC reuniu professores(as) e alunos(as) para uma reunião de planejamento estratégico comandada pelo Professor e Vice-Diretor da instituição na época, Dr. Marco Akerman, que culminou na formalização, em 2011, do órgão que definiu a política, tem regulado os projetos e articulado as atividades neste setor – a COMEX/FMABC.

Hoje, a extensão figura no topo do organograma ao lado das áreas de graduação, pesquisa e pós-graduação e administração. É através de uma força motivada pelas demandas da sociedade que a COMEX se realiza, proporcionando novas possibilidades para a formação de profissionais das diversas áreas da saúde, resgatando a origem e o papel histórico de uma instituição de ensino superior voltada para os problemas sociais.

A concepção tradicional de extensão acadêmica prevê a disseminação de conhecimentos através de cursos, seminários e conferências, prestação de serviços, assessorias e consultorias e a difusão cultural. A COMEX, de acordo com a concepção contida no Plano Nacional de Extensão (2011-2020), considera que esta área acadêmica é parte indispensável do pensar e fazer universitário. Retira-se seu caráter de “terceira função” para dimensioná-la como filosofia, ação articulada, política, estratégia democratizante e metodológica¹.

Foi criada para promover o diálogo e o encontro de toda a rede que desenvolve as atividades neste setor. Seus eixos de atuação preveem ações de Integração Comunitária, Gestão do Cuidado, Educação Permanente, Prestação de Serviços e possui um Fórum consultivo e deliberativo composto por alunos(as) e professores(as) das diversas áreas da graduação: Medicina, Terapia Ocupacional, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Gestão Ambiental em Saúde, Farmácia e Tecnologia em Gestão Hospitalar.

O processo de criação da COMEX foi participativo, o seu plano de ação e a construção do Regimento envolveram o empenho de docentes e discentes de todas as áreas. Vale lembrar que, este trabalho desenvolvido com uma juventude protagonista rendeu frutos e, em 2014, a Extensão da FMABC foi avaliada pelo Ministério da Educação com nota máxima, no processo de avaliação onstitucional do MEC.

O que motivou esse avanço histórico foi a mudança da Diretoria em 2010. Com um perfil de gestão mais voltada à participação e aos aspectos sociais, logo no seu primeiro ano de mandato, organizou uma verdadeira cruzada contra o trote violento no curso de Medicina, reformulando o processo de recepção dos novos alunos(as), atuando na prevenção, organizando grupos de estudos e pesquisas, campanhas, debates e o estabelecimento de medidas judiciais para coibir e desorganizar uma tradição de práticas violentas².

Integração Comunitária – um eixo social, de promoção da saúde e político

Aqui alguns projetos/ações desenvolvidas no eixo de Integração Comunitária, que foi uma área que se destacou com o processo de criação da COMEX: Projeto Vale do Ribeira com comunidades quilombola; Projeto Rondon no sertão em Gararu (SE); Projeto Canudos na Bahia em parceria com a Universidade Metodista; Rondon Estadual em Itapeva, Vargem e Ilha Bela (SP) e em Jampruca no Vale do Jequitinhonha (MG); os Mutirões da Cidadania no Bairro do Bexiga e na Cracolândia na Estação Luz em São Paulo (SP); Rally dos Sertões; Integração Comunitária CURA; Sarau de Saúde Mental Maluco Beleza com o movimento de luta antimanicomial da região do ABC; Projeto Gênero, Saúde e Meio Ambiente em Paranaipacaba e Parque Andreense — Santo André; Parada Lilás, por ocasião do Dia Internacional da Mulher, Outubro Rosa, Maio Vermelho — todas campanhas com foco na saúde da mulher e em parceria com a Prefeitura de Santo André através da Secretaria de Políticas para as Mulheres, dentre outras.

Muitas destas ações de extensão aconteceram para formar agentes multiplicadores(as) de saúde e cidadania e foram organizadas para fortalecer a participação cidadã de lideranças locais. Esse trabalho possibilita a ampliação dos canais de interlocução da universidade com os segmentos da sociedade, permitindo à comunidade acadêmica buscar o equilíbrio entre a sua vocação técnico-científica, a vocação humanizadora e o compromisso social e político.

É notável que a participação de estudantes em comunidades com distintas realidades favorece a perspectiva de uma visão social mais ampla, aprimorando sua leitura de mundo e colaborando com seu engajamento político. Ao se formarem, apresentarão um perfil diferenciado de profissionais, com uma atuação mais consequente no mercado de trabalho, na organização social e política.

Alunos(as) da Faculdade de Medicina do ABC – empreendedores de extensão

Existem, neste setor, diversos projetos criados antes da oficialização da COMEX que tem os alunos(as) como protagonistas. Assim, fizeram e fazem história na faculdade.

O “Sorrir é Viver” é uma ONG criada e mantida por estudantes da faculdade. Em 2002, acadêmicos(as) do primeiro ano do curso de Medicina estruturaram o projeto com o objetivo de contribuir para uma formação médica integral e humanizada. Estes alunos(as) atuam como clown, uma arte lúdica, dentro e fora dos hospitais. As bases teóricas, metodológicas e de pesquisa sobre os efeitos benéficos da humanização são inspiradas no sucesso da atuação dos Doutores da Alegria e da Medicina proposta pelo Dr. Hunter “Patch” Adams. Em 2010, foi lançado o Projeto Contadores de História e criado o I Congresso de Medicina, Cultura e Arte³.

A “Feira de Saúde” é organizada anualmente pelo Diretório Acadêmico Nylceo Marques de Castro e envolve alunos(as), professores(as) e funcionários(as) da faculdade e prefeituras da região. Estudantes atuam de maneira integrada, além de professores(as), que orientam a realização das atividades, parte deles como tutores dentro das Ligas Acadêmicas, que realizam também diversos atendimentos e encaminhamentos, campanhas e oficinas. O evento acontece há 12 anos na região do ABC e, com criatividade e engajamento dos(as) estudantes, tem sido possível garantir a continuidade desta agenda.

O Departamento de Assistência e Previdência (DAP) é uma subdivisão do Diretório Acadêmico Nylceo Marques de Castro que, segundo nossos alunos(as), possui a essência da atenção às políticas sociais e de saúde. Foi nesse contexto que o DAP foi idealizado por estudantes do curso de Medicina, há 15 anos. O projeto conta com a participação de acadêmicos(as) do 1º ao 3º ano e promove projetos sócio-educativos sobre os cuidados com a saúde, onde o brincar e a humanização interagem, culminando na promoção da autoestima, da conscientização e da cidadania nas comunidades. O desafio a cada grupo que assume o DAP tem sido alavancar a importância das ações de extensão, incluindo a participação dos outros cursos para uma atuação interdisciplinar.

A *International Federation of Medical Students Associations of Brazil* (IFMSA-Brazil), representante nacional da *International Federation of Medical Students Association* (IFMSA), é uma instituição sem fins lucrativos, ligada à Organização Mundial de Saúde (OMS) e à Organização das Nações Unidas (ONU). Foi fundada na década de 1950 e é hoje a maior organização estudantil do mundo. Os valores de democracia, coexistência, colaboração e cooperação norteiam a instituição desde a sua fundação.

A IFMSA-Brazil foi fundada em 1991 na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Desde então, desenvolve intercâmbios clínicos, cirúrgicos e de pesquisas anualmente, além de projetos em Educação Médica, Saúde Pública, Saúde Reprodutiva, AIDS e Direitos Humanos. Todo o trabalho da IFMSA-Brazil é voluntário e envolve a participação de 35 escolas médicas no Brasil.

A Faculdade de Medicina do ABC tornou-se membro da IFMSA-Brazil em 2003. De início restrito aos programas de intercâmbio, o Comitê Local da FMABC cresceu, ampliou suas atividades, agregou novos membros, envolveu outras áreas da

graduação, promoveu ações diversificadas e ganhou reconhecimento local e internacional.

DISCUSSÃO

A COMEX vem trabalhando a partir dos interesses diversos e compartilhados entre a academia e a comunidade num processo mútuo de participação e aprendizagem. Essa relação tem possibilitado um diálogo permanente através de uma ação pedagógica onde é notável que a população participante, os alunos(as) e os professores(as) são educadores(as) e educandos(as). O lema da extensão que está em nossos materiais de divulgação é: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo” (Paulo Freire).

Atuamos para a valorização das pessoas e da sua cultura, formamos multiplicadores(as) de saúde e cidadania. As atividades lúdicas e culturais, os cinemas ao ar livre, contações de história, dentre outras, além de proporcionar momentos de lazer, o acesso à cultura e a possibilidade da criação e expressão, servem de importantes recursos sociais e pedagógicos para trabalhar a educação, a promoção da saúde e as noções dos direitos de cidadania. As visitas domiciliares são utilizadas para criação de vínculos, produção de informação e campanhas.

Salientamos aqui o nosso princípio de entrar nas comunidades de maneira organizada e respeitosa. Aprendemos que quando há apoio e abertura do poder público tudo acontece melhor. Tivemos uma rica experiência da participação de nossos alunos(as) e do nosso Professor no planejamento estratégico do governo que administra a Prefeitura de Itapeva, interior de São Paulo. Difícil, arriscado e quase impossível foi quando atuamos de forma desarticulada com o poder público em Vargem (SP).

Atuamos na perspectiva de gênero para o desenvolvimento das comunidades. Avanços ocorreram em relação ao papel da mulher, mas não atingiram igualmente a todas. As mulheres já estudam mais que os homens, mas ainda têm menos chances de emprego, estão se tornando cada vez mais chefes de família, mas recebem menos do que eles trabalhando nas mesmas funções, ocupam os piores postos e estão muito distantes da política e de atividades culturais e lúdicas, principalmente as mulheres pobres e negras. Acumulam trabalho fora e dentro de casa e no cuidado com as crianças. E a violência doméstica e sexual é uma epidemia que maltrata, aprisiona, explora e mata mulheres e meninas. E aqui cabe um convite de que: juntos(as) podemos mudar a nossa rua, a nossa cidade e o nosso país.

Por isto, nossa prática de integração comunitária tem incluído a divulgação dos serviços especializados e da Lei Maria da Penha, as oportunidades de estudo, trabalho e geração de renda para a autonomia das mulheres e jovens. Estimulamos que filhos e filhas devem realizar com igualdade o trabalho do dia a dia em casa, desconstruindo os estereótipos de gênero. E que denunciem os casos conhecidos de violência, abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes. Desenvolvemos atividades em prol da

melhoria da autoestima das mulheres, promovendo a valorização e o respeito em todas as fases da vida.

Muitos dos nossos trabalhos foram e são organizados em formato de oficinas e quem participa recebe certificação. Como exemplo, o curso de “Promotoras Legais de Cidadania” com mulheres lideranças e o “Se Liga na Parada” para formação de jovens multiplicadores de saúde. Em ambos, organizamos o ritual de formatura para que ao receberem o diploma, se comprometam em multiplicar e promover saúde e cidadania no seu entorno.

Diante de tantos depoimentos registrados de pessoas envolvidas nestas experiências, selecionei três. Primeiramente, resgatei um email, diário de bordo, que enviei em janeiro de 2011, para compartilhar nossos dias no Nordeste:

[...]posso adiantar que a experiência tem possibilitado um grande desafio que é a convivência diária para o desenvolvimento dos trabalhos. O aprender a conviver, o planejar, o avaliar e as tomadas de decisões coletivas se fazem presentes diariamente. É possível observar o quanto esta experiência nos mobiliza para a reflexão sobre as condições de vida do povo brasileiro e principalmente do nosso papel enquanto profissionais e equipe. Os vínculos com a população Gararuense foram criados, vai ser difícil ir embora, a parceria com o governo local foi fundamental. A articulação política, as negociações estiveram presentes também na nossa agenda. Uma experiência difícil de retratar em palavras, onde o aprendizado se dá carregado de muita emoção e responsabilidade diante do novo, dos vínculos e dos desafios deste processo que não se esgotará aqui. A sala de aula e os livros não dão conta de propiciar tamanho aprendizado e nos perguntamos, a cada manhã, quem ganha mais? Disseram-nos que estamos plantando esperanças aqui e realizando sonhos. Saímos do mapa, da sala de aula e dos livros e caímos no mundo para aprender mais. Ver as pessoas saindo de casa com seus brinquinhos para ver o cinema ao ar livre e os olhos brilhando diante do colorido da tela improvisada em alguma parede nunca sairá de minhas lembranças. Hoje acordei me sentindo mais gente.

A seguir, o texto escrito e apresentado publicamente pela oradora da turma do curso de Promotoras Legais de Cidadania de Gararu (SE) no dia da formatura (2011):

essa experiência possibilitou, às mulheres, maior esclarecimento em defesa dos seus direitos. O curso proporcionou a criação de novos espaços de união e articulação, que abriram caminhos e romperam barreiras, fortalecendo a luta contra a discriminação e opressão. Agradecemos à professora e seus alunos(as) que, com muita dedicação, nos passaram informações jurídicas a fim de que nós pudéssemos nos apropriar de instrumentos coletivos de promoção à saúde e cidadania. Concluímos que sempre há um amanhã e a vida nos dá sempre mais uma oportunidade para fazermos as coisas bem e temos que aproveitar cada oportunidade. Por isto, sabemos que vocês tem que ir, mas

ficaremos aqui torcendo pelo sucesso de vocês, hoje e sempre. Que vocês façam mais histórias maravilhosas e intensas como foi a nossa. Hoje, será o último dia do nosso curso, mas o início de uma vida de convivência de amigos eternos. Professora, ficaremos com muitas saudades de você e de seus alunos(as) mas ficaremos bem, pensando nos seus ensinamentos e regando a plantinha que você deixou para cuidarmos. Beijos das alunas Promotoras Legais de Cidadania de Gararu.

E me disse no final da leitura que, em março, de 2011, no dia internacional da mulher, elas iam organizar o I Encontro de Mulheres Gararuense, ou seja, nascia ali um Movimento Social provocado por nossa ação.

Agora, o depoimento de um residente de medicina de família e comunidade, que coordenou uma das experiências em Canudos (2014):

fui convidado para coordenar uma equipe de estudantes da FMABC de diversas áreas da saúde. Todos, inclusive eu, tínhamos grandes expectativas sobre o que seria feito em Canudos. Para os alunos(as), seria uma oportunidade de colocar em prática tudo o que aprendemos na faculdade. Para mim, a experiência de coordenar uma equipe multiprofissional. Para todos nós, seria a oportunidade de trabalharmos em conjunto, assim entenderíamos melhor como cada profissão pensa e aborda as diferentes situações que encontramos durante a vida profissional, e, desse modo, compreender a importância de cada profissão. Durante a nossa estadia no sertão da Bahia, pudemos notar a importância e a influência do ensino, da comunicação, das políticas sociais, da cultura local, dentre outros... O que eu gosto de projetos de extensão é que eles nos dão a oportunidade de vivenciar uma realidade diferente da que estamos acostumados a viver. Isso nos faz entender um pouco melhor a população que atenderemos durante a nossa vida profissional. Devido a isso, penso que este é um modo efetivo de ensinar humanização. Humanização não se aprende em sala de aula, se aprende nos permitindo a vivenciar situações diferentes. Nos deu muitas experiências de vida que nos engrandeceram como profissional e como pessoa.

Como disse um dos meus alunos do curso de Medicina: “essa chama ficará acesa para sempre em nós”. Quis dizer a chama da solidariedade e da esperança, o que de fato o ajudou a tomar uma decisão na sua vida: a de trocar a Residência em Ortopedia pela Medicina de Família e Comunidade. O professor Marco Akerman, que foi o idealizador e o primeiro Coordenador da COMEX comentou sobre a decisão do nosso aluno: “um ‘número 1’ como este, diz muita coisa como resultado de um trabalho”.

Os números também não retratariam a coragem para lidarmos com o imprevisto e sairmos da nossa zona de conforto. Pouca gente tem a disposição de ficar sem internet, sem espelho, um chuveiro para mais de 20 pessoas, um só vaso sanitário, muitas vezes

dormindo em colchonetes no chão durante dias em terra desconhecida. Às vezes, muito frio e, às vezes, com calor de 43 graus na sombra. Ousadia para lidar com o novo e fazer acontecer. Criatividade para solucionar problemas; dedicação e disciplina para planejar e atuar em equipe com bom humor e amor em tudo que fazíamos.

Levamos desta experiência, a lembrança de alunos(as) dando oficinas lá no sertão, ou em outros cantos sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, Direitos Trabalhistas, Lei Maria da Penha, Sexualidade e até sobre o Programa Universidade para Todos (PROUNI). Inclusive, a última notícia é que um jovem de Gararu, ao saber do PROUNI, prestou vestibular, passou e está cursando Enfermagem em Aracaju. Falamos com ele no facebook, e agora pretende tentar a medicina. Brillante! Ou ainda, ouvir de um aluno do 5º ano de Medicina que aprendeu muito com o aluno do 2º ano da Enfermagem: isto não tem preço.

É notável o processo de transformação das pessoas, da interação dialógica, da consideração do outro, da interdisciplinaridade e da indissociabilidade da extensão com o ensino e pesquisa. Experiências deste eixo de integração comunitária foram apresentadas em diversos Congressos. Artigos foram e serão publicados ainda (por exemplo, um sobre violência contra a mulher em área de manancial publicado em 2015, baseado no levantamento do perfil social e de saúde que fizemos em 290 domicílios em área rural). Pesquisa aprovada em 2014 no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do “Gênero, Saúde e Meio Ambiente”, projeto que tem provocado o redirecionamento das políticas públicas para esta região periférica de Santo André (SP).

Atuamos com a inspiração freireana da Educação Popular e buscamos somar os esforços com docentes e discentes que compactuem com a crença de que a educação é um ato político, de construção do conhecimento e de criação de outra sociedade, mais ética, mais justa, mais humana e solidária. A educação deve ser uma busca permanente da liberdade.

Assumimos a perspectiva de desenvolvimento local integrado e sustentável, que tem como orientação principal o planejamento e a realização de atividades que incentivam as comunidades a se organizar política e coletivamente, superando sua situação de vulnerabilidade social e exclusão e descobrindo suas potencialidades para a mudança; o que pode ser entendido como uma ação com ampla participação de todos os atores relevantes para ativar a cidadania e por meio dela melhorar de maneira substancial as condições de vida dos habitantes de uma localidade⁴.

O nosso jeito de pensar e fazer extensão universitária se contrapõe às práticas de “assistencialismo histórico”, que ao invés de impulsionar o desenvolvimento local, vicia e tutela as pessoas. A ajuda é um favor que as torna dependente das práticas de grupos benevolentes. O que existe é a espera, nada muda, e os vínculos são formados pelo sentimento de gratidão. Nunca serão capazes de atuarem de forma autônoma e política.

O “assistencialismo” é uma prática de dominação que produz gente-objeto, manipuláveis, e jamais sujeitos; diferente da nossa

ação que procura contribuir para que as pessoas se organizem e avancem nos seus direitos. Valorizamos o resgate da autoestima, dos sonhos e projetos de vida. O que vislumbramos é a possibilidade destas comunidades acreditarem muito mais no seu potencial do que na espera da nossa intervenção.

Não sem dificuldades, enfrentamos os limites do nosso trabalho neste setor e temos aprendido a buscar caminhos para a valorização da extensão por tudo o que ela representa. Aqui, ninguém é

melhor do que ninguém, não há relação de superioridade/inferioridade ou de dependência. Buscamos uma prática de emancipação para o desenvolvimento de sujeitos livres e críticos, alunos(as) e população participante dos projetos. Concluo afirmando que a nossa experiência tem formado um mosaico de pessoas que apostam no potencial humano e em valores como o respeito, a igualdade, a valorização da cultura, da política e da cidadania para o desenvolvimento das comunidades. Todo mundo sai ganhando!

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Educação. Plano Nacional de Extensão Universitária. Brasília; 2011. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>. Acesso em: Agosto de 2015.
2. Akerman M, Conchão S, Boaretto R (orgs). "Bulindo" com a Universidade – um estudo sobre o trote na Medicina. Porto Alegre: Rede Unida, 2014. 188 p.
3. Faculdade de Medicina do ABC – Fundação do ABC. [internet] Santo André; 2015. Disponível em: www.sorrirreviver.org. Acesso em: Agosto de 2015.
4. Akerman M. Saúde e desenvolvimento local: princípios, conceitos, práticas e cooperação técnica. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2005. 151 p.

